

Gosma rosa



Gosma rosa

Fernanda Trías

Tradução de
Ellen Maria Vasconcelos



*A Rita,
A Santi y Mónica,
A Mia Joyce*



Essa é, então, a diferença entre a linha de uma só dimensão e a superfície de duas dimensões: uma deseja chegar a algum lugar e a outra já está lá, mas pode mostrar como chegou. A diferença é de tempo, e envolve o presente, o passado e o futuro.

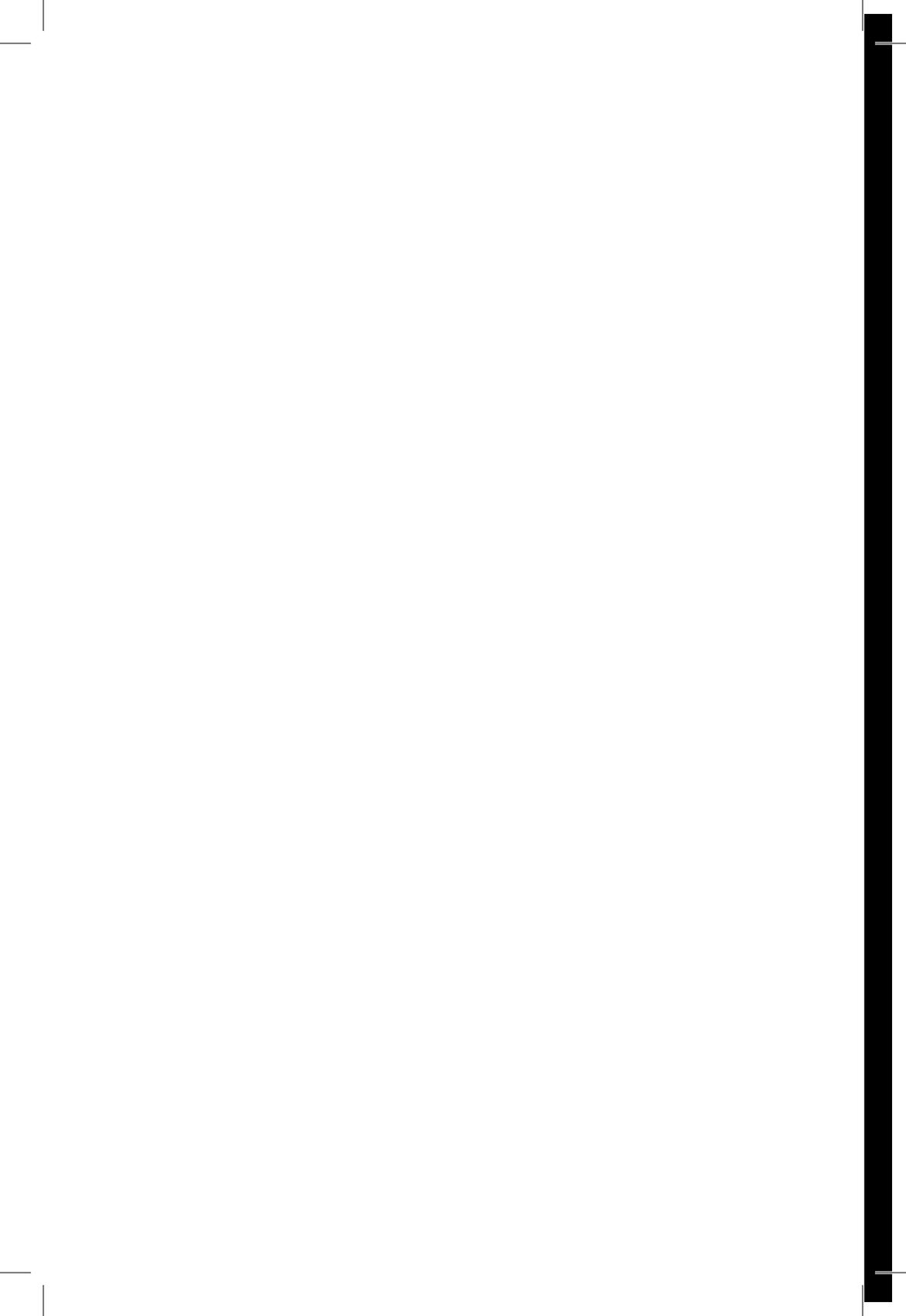
“Linha e superfície”

Vilém Flusser

*Estou separado de mim pela distância em que me encontro;
o morto está separado da morte por uma grande distância.
Penso percorrer esta distância descansando em algum lugar.
De costas na casa do desejo,
sem me mover de meu lugar – em frente à porta fechada,
com uma luz de inverno ao meu lado.*

Recorrer esta distancia

Jaime Sáenz



Por que você quis se tornar um santo?

Por que não?

Por que você quis me morder?

Porque você deixava.

Nos dias de névoa, o porto se transformava em pântano. Uma sombra cruzava a praça, apoiando-se nas árvores, e, ao tocar qualquer coisa, ia deixando as marcas grossas de seus dedos. Sob a superfície intacta, um mofo silencioso fendia a madeira; a ferrugem perfurava os metais. Tudo apodrecia, e nós também. Quando Mauro não estava comigo, eu saía para dar umas voltas pelo bairro nesses dias nevoentos. Deixava-me guiar pelos painéis luminosos do hotel que piscava ao longe: HOTE A ACIO. Já não era um hotel, e sim um dos tantos edifícios ocupados da cidade, mas as letras que faltavam eram as mesmas de antes. Em que antes estou pensando? Ainda parece que ouço o ruído do neon — sua vibração elétrica — e o falso curto-circuito de outra letra a ponto de se apagar. Os ocupantes do hotel o deixavam aceso não por insistência, tampouco por nostalgia, mas para lembrar-lhes de que estavam vivos. Ainda podiam fazer algo caprichoso, meramente estético, ainda podiam modificar a paisagem.

Se vou contar esta história, deveria começar por algum lado, escolher um começo. Mas qual? Nunca fui boa para os começos. O dia do peixe, por exemplo? Essas coisas minúsculas que marcam o tempo e o tornam inesquecível. Fazia frio e a névoa se condensava sobre os contêineres transbordados. Não sei de onde saía tanto lixo. Era como se se digerissem e se excretassem sozinhos. E quem te disse que os dejetos não somos nós mesmos?, Max poderia ter dito algo assim. Lembro-me

de que dobrei a esquina do velho armazém, com sua porta e janelas fechadas com tapumes, e, ao descer pela avenida do porto rumo ao sul, a luz verde e vermelha do painel luminoso se derramou sobre mim.

Mauro voltaria no dia seguinte e, com ele, também viria outro mês de confinamento e de trabalho. Cozinhar, limpar, controlá-lo dia e noite. Cada vez que o levavam, eu dormia um dia inteiro até recuperar o sono que ele sempre ameaçava ou interrompia. A eterna vigília. Para isso me pagavam uma quantia exagerada, mas que nunca seria o suficiente para me recompensar, e os pais de Mauro sabiam. Respirar o ar estancado do porto, percorrer as ruas, visitar minha mãe ou Max eram os luxos que eu me dava naqueles dias nos quais meu tempo deixava de ter um preço. Isso se eu tivesse a sorte de que não chegasse qualquer vento.

Na avenida do porto, só encontrei pescadores, com a gola do casaco levantada até as orelhas, as mãos vermelhas e ressecadas. Por todos os lados se estendia a água larga, um estuário que transformava o rio num mar sem margens. A névoa borrava o limite do horizonte. Poderiam muito bem ser dez ou onze ou três da tarde nessa claridade leitosa e sem matizes. As algas boiavam não muito longe, como um catarro sanguinolento, mas os pescadores não pareciam preocupados. Apoiavam seus baldes ao lado das cadeiras de praia, punham a isca no anzol e reuniam a força de seus braços secos para lançá-lo tão longe quanto fosse possível. Eu gostava do ruído que a carretilha fazia ao soltar a linha: fazia-me lembrar dos verões de bicicleta em San Felipe, as rodas sem freios na descida, com os joelhos para cima para que os pés não se prendessem nos pedais. Toda a minha infância estava nessa bicicleta, nas praias que agora são proibidas, rodeadas por aquela faixa amarela que o vento destroçava e que os policiais mascarados voltavam a instalar.

Zona de exclusão, diziam as faixas. Para quê? Se só os suicidas escolhiam morrer assim, contaminados, expostos a doenças sem nome e que tampouco eram sinônimos de morte rápida.

Só uma vez, muito antes de meu casamento com Max, é que vi um banco de névoa tão denso como o daquele dia. Foi em San Felipe, uma madrugada de princípios de dezembro. Lembro-me disso porque o balneário ainda estava vazio, exceto pelos poucos que passávamos todos os verões aí. Max e eu íamos caminhando vagarosamente pela avenida da praia, sem olhar para a praia negra, acostumados ao ritmo das ondas que quebravam na beira-mar. Para nós, aquele ruído era como um relógio, uma certeza de todos os verões que ainda viriam. Diferentemente dos turistas, não íamos a San Felipe para descansar, mas para confirmar uma continuidade. A lanterna de Max era nossa única fonte de luz, mas já conhecíamos o caminho. Paramos na altura do píer, onde geralmente se escondiam os amantes, e nos apoiamos nas ripas de madeira branca. Max apontou a lanterna em direção à praia e, apesar de tanta névoa, nos deparamos com uma multidão de caranguejos. A areia parecia respirar e inchar como um animal roncando. Os caranguejos fugiam do foco de luz e se escondiam entre as fendas do píer. Centenas de caranguejos diminutos. O que Max disse? Não me lembro, mas tenho a sensação de que nós dois nos estremecemos, como se pela primeira vez estivéssemos conscientes de que existia algo incompreensível ali, maior do que nós.

No inverno, da margem sul não se notava saltar nem um peixinho. Os baldes dos pescadores estavam vazios; as iscas, inúteis dentro das bolsas de náilon. Sentei-me perto de um homem que usava um gorro com orelheiras, de estilo russo. Minhas mãos tremiam de frio, mas não fiz nada para esquen-

tá-las. Eu, ao contrário de Max, não acreditava que a vontade fosse algo independente do corpo. Por isso, ele tinha passado os últimos anos fazendo exercícios intensos. Lavagens, privações, ganchos que puxavam a pele: o êxtase da dor. Em jejum, o organismo era uma membrana prodigiosa, dizia, uma planta sedenta que tinha permanecido tempo demais na escuridão. Talvez. Mas o que Max procurava era outra coisa: separar-se de seu corpo, essa máquina indomável do desejo, sem consciência nem limites, repugnante e ao mesmo tempo inocente, pura.

O pescador percebeu que eu o observava. Com os pés pendurados em direção à água, sem máscara nem botas de borracha e com uma mochila que parecia estar cheia de pedras, ele deve ter pensado que era eu outra pobre louca com vontade de saltar no rio. Talvez minha família tivesse morrido; um por um teriam entrado no centro de terapia intensiva para nunca mais sair. A água quase não fazia ruído ao tocar o muro. Os ventos seguiam tranquilos. Quanto pode durar a calma? Toda guerra tinha sua trégua, inclusive esta, cujo inimigo era invisível.

A linha se retesou de repente, e vi o pescador puxar e enrolar a carretilha até que um peixe minúsculo se alçou no ar. Ele se curvava, sem força, mas o breve brilho das escamas prateadas despertou no homem um sorriso. Ele o agarrou com a mão sem luva e lhe tirou o anzol. Quem sabe que morte e que milagre continha esse animal, e assim ficamos observando, o homem e eu. Esperei que o pusesse no balde, mesmo que fosse por um tempo, mas ele resolveu devolvê-lo diretamente à água. Era tão leve que entrou sem fazer o mínimo barulho. O último peixe. Um minuto mais tarde já estaria longe, imune à espessura de raízes, à armadilha mortal de algas e lixo. O homem girou para me olhar e me fez um gesto com a mão. Este é o ponto de meu relato, o falso começo. Aqui eu poderia

facilmente inventar uma profecia ou um sinal de tudo o que viria depois, mas não. Isso foi tudo: um dia qualquer a uma hora qualquer, exceto por esse peixe que se elevou no ar e voltou a cair na água.

Era uma vez.
O quê?
Era uma vez uma vez.
O que nunca foi?
O que nunca mais.

Os poucos táxis que circulavam pela avenida do porto avançavam lento, com as janelas fechadas. Iam à procura de alguma urgência, de algum desgraçado que colapsasse em plena avenida e que deveriam deixar na porta das Clínicas. Valia a pena o risco. A Saúde Pública pagava a viagem e a tarifa de insalubridade. Fiz sinais a um, que buzinou, mas seguiu em frente. Tirei a mochila das costas e a apoiei no chão. Estava cheia de livros. A epidemia devolveu o que há anos parecia irreversível: um país de leitores, sepultado longe do mar, os ricos em suas fazendas ou casarões sobre as colinas, os pobres indo cada vez mais para as cidades do interior, aquelas mesmas das que antes achávamos graça por estarem vazias, desertas, obtusas.

Dois táxis mais passaram sem parar antes que eu tivesse sorte. E nem bem o taxista me cumprimentou, reconheci seu tipo. Era dos que acreditavam ser donos de uma verdade profunda, a verdade das ruas.

— Com essa mochila, você está chamando atenção — disse ele.

— Não vão encontrar grande coisa.

Acomodei a mochila no assento e passei o endereço de minha mãe. Pela janela vi o templo maçônico, do outro lado do rio, diluído atrás da tela sebosa de névoa.

— Bairro de Los Pozos. Você mora lá?

— Vou encontrar uma pessoa.

Ele se vangloriou de conhecer bem o bairro. Tinha passado a infância na região, na casa de sua avó. Disse-lhe que também

eu, mesmo não sendo verdade. Depois da evacuação, minha mãe decidiu se mudar para uma das casas abandonadas do bairro. Os donos as alugavam por qualquer merreca apenas para mantê-las vivas, com esse orgulho da aristocracia vinda de baixo. Queriam os jardins bem cuidados, as janelas sem tapar, os quartos livres de mendigos. Esse passado glorioso era o que dava segurança à minha mãe, mais do que a distância que pusera entre as algas e ela. Minha mãe tinha uma confiança cega nos *materiais nobres* e talvez tenha pensado que a contaminação não poderia atravessar uma boa parede, larga e silenciosa, um teto bem construído, sem rachaduras pelas quais pudesse entrar o vento. As águas do córrego estavam menos contaminadas que as do rio, mas, de qualquer modo, um odor pestilento, mistura de lixo, mofo e químicos, inundava todo o bairro.

Justo na esquina, uns metros antes de chegar, alguém revolveu dentro de um contêiner de lixo.

— Viu? Esses são os que depois nos roubam — disse o taxista. — Não têm medo do vento vermelho nem se perderem a mãe para ele.

As pernas do homem se agitavam como as patas de um inseto para manter o equilíbrio e não cair de cabeça dentro do contêiner de lixo. A névoa também não dava trégua no bairro de Los Pozos. Ao contrário, como não ventava, se condensava mais. As nuvens pareciam estar sendo fabricadas ali mesmo, exaladas pela terra, e a umidade se sentia na cara, lenta e fria como a baba de um caramujo.

— Sabe como eu chamo aqueles que vivem aqui? — perguntou o taxista.

— Como?

— Os *nem-nem*. Nem tão loucos nem tão sãos — e riu. — Diz se eu não tenho razão.

Abri o portão de entrada e dei a volta direto pelo jardim. Para que anunciar minha chegada? Se eu não a encontrasse em casa, certamente estaria na casa da professora, que não quis ir embora para não abandonar seu piano de cauda. Passavam as tardes assim, minha mãe lendo, a professora tocando piano ou fingindo tocar algo sublime. Às vezes chegavam outros velhos moradores do bairro, e minha mãe e a professora se faziam de anfitriãs numa cidade em ruínas. As pessoas pediam recomendações de livros à minha mãe e ela falava das personagens dos romances como se falasse de seus vizinhos: o que se pode esperar dela?, a essa altura, era melhor perdê-la que encontrá-la, uma mulher sofrida, um pobre-diabo.

Encontrei minha mãe no jardim, com os pés afundados no canteiro, podando as plantas com uma enorme tesoura. O farfalhar de meus passos a alertou e, ao me ver, tirou uma de suas luvas sujas de terra, grandes demais para sua mão:

— Venha cá ver isso — disse.

Ela me mostrou os novos brotos das plantas, o que ela considerava um milagre, o triunfo da vida sobre essa morte de ácido e escuridão. Contei-lhe que em Chernobyl agora havia mais animais do que jamais houve, e até os que estavam em perigo de extinção se reproduziram, graças à ausência de humanos. Minha mãe não interpretou como uma ironia, mas — outra vez — como o triunfo da vida sobre a morte.

— *Humana*, mãe. Sobre a morte humana.

— É um detalhe — disse, e apontou para a porta da cozinha. — Está com fome? Fiz carolinas.

Sobre a mesa de mármore encontrei pães, queijo, geleia de laranja e até um abacate. De onde ela tinha tirado abacate, melhor não perguntar. As carolinas estavam cobertas por um pano branco. Um banquete para mim, que mal conseguia tragar a comida na frente de Mauro. Comer quando o corpo

pedia era um conceito alheio, um impulso ao que me tornei indiferente. Devia esquecer minhas necessidades, sincronizar minha fome com a de Mauro, engolir algo rápido enquanto ele dormia para evitar outro berreiro. Eram truques, estratégias, que eu vinha aprendendo com o passar dos meses.

Coloquei tudo sobre uma bandeja e voltei ao jardim.

— Há que aproveitar a trégua — disse, apoiando a bandeja chacoalhante sobre a mesa de vidro, com seus pés de ferro um pouco enferrujados.

Duas carolinas, manteiga, geleia, uma xícara de chá, um talher para cada uma. Tive de dissimular a alegria que me davam essas coisas banais: partir a carolina ao meio com a mão e sentir o *clac* seco que fazia ao se dividir; tirar a manteiga em finas lâminas com essa faquinha especial, de ponta redonda, que parecia de brinquedo; mexer o chá com a colherzinha de prata, mais pesada do que todas as minhas colheres juntas. Os privilégios que só um desastre podia nos ter concedido. Estávamos tomando o chá da tarde num jardim de Los Pozos e a névoa nos envolvia como faixas de gaze.

— Você cortou o cabelo — minha mãe disse. — E está mais crespo.

— Isso é mérito da umidade.

— Estava lindo comprido. Assim você parece mais apagadinha. O cabelo comprido te dá mais vida.

— Prefiro assim.

— Eu só cumprio o dever de dizer — disse, e encolheu os ombros. — Se sua própria mãe não te disser as coisas...

— Você é honesta, tenho que admitir.

— Pior é ser cínica, filha. As pessoas tinham que agradecer a franqueza destes tempos. Além disso, só estou falando sobre cabelo. Ele sempre cresce, não é?

Olhou para o outro lado, longe, em direção ao jardim da casa vizinha, com as persianas cerradas e buracos negros onde faltavam telhas no teto. Mais adiante, notava-se apenas o contorno de outras casas atrás da névoa, a maioria delas tapada, corroídas pelo abandono ou pelos gases do ar.

— A resignação não é um valor — disse. — Há que lutar pelo que se quer nesta vida.

— Me diga uma coisa, mãe, por que você continua aqui?

As luvas do jardim estavam sobre a mesa e me fizeram pensar nas mãos mutiladas de um gigante.

— O mesmo pergunto eu para você. O que quer me provar com isso, filha? O quanto te fizeram sofrer que você já não se importa nem com a própria vida?

— Max não tem nada a ver com isso.

— O que você sabe dele? Conte para mim. Pode confiar em mim.

— Nada, não sei nada.

— Você fez o que pôde — disse. — Mas esse casamento estava condenado.

— Que palavra... E você se lembra de quem o condenou desde o primeiro dia?

Olhou para baixo, para o espaço entre os pés, e agarrou a cabeça, com os cotovelos apoiados na borda metálica da mesa de vidro. Os cachos caíam para a frente, cobrindo seu rosto. Estou esgotada, eu a ouvi dizer, juro para você que estou esgotada. Eu me preparei para escutar algo mordaz que iria direto ao centro de minha personalidade, mas desta vez ela não disse nada. Ficou assim, oferecendo-me as raízes brancas de seu cabelo no cocuruto. Era como se falássemos idiomas diferentes e nenhuma das duas estivesse disposta a aprender a língua uma da outra. A vida inteira me dediquei a analisar seus gestos, a interpretar o que eu acreditava serem sinais secretos. De repente, voltei a pensar naquela massa de caranguejos.

Minha mãe me gerava o mesmo desassossego, o mesmo medo primitivo, e naquele momento talvez tivesse preferido voltar à maneira cômoda em que nos odiávamos antes.

— Mãe... — Enfie os dedos entre seus cachos desfeitos e escorreguei a mão até chegar nas pontas, com nós grossos e embolados. Esse contato era muito mais do que nos permitimos em anos. — Não importa.

Ela levantou a cabeça. Tinha o rosto vermelho.

— Já sei — disse. — Já sei. Que sentido tem?

Levantou e pegou o prato em que só restavam algumas migalhas amarelas. Foi até a cozinha e voltou com mais carolinas. Eu as devorei tão rápido que não tive como não pensar em Mauro. Contei à minha mãe sobre a vez que esqueci de tirar o lixo e acordei no meio da noite com um ruído de ratos. A luz da cozinha estava acesa e da porta pude ver Mauro, só de cuecas, o saco destroçado à sua volta, enquanto ele revirava o lixo e levava à boca todas as sobras que encontrava, comestíveis ou não, até o papel-alumínio de um hambúrguer. O alumínio lhe deu estática nos dentes e ele cuspiu com raiva aquele pedaço mascado como se fosse um chiclete.

— Ele sempre volta assim. Não sei para que o levam.

A umidade da névoa já começava a atravessar o tecido da minha calça, apesar da almofadinha dura e chata que cobria a cadeira de ferro. Segurei a xícara com as duas mãos e deixei que o vapor me esquentasse o rosto.

— Pobre menino — disse minha mãe, mesmo que quisesse dizer outra coisa. Vi o medo em seus olhos; o pavor de me imaginar em uma casa no porto, exposta ao vento vermelho, convivendo com a doença. Ela não acreditava que eu fosse capaz de tanto. — E quanto falta para chegar à quantia que precisa?

Aí estava. A pergunta. Ela mordera a língua por tempo demais esperando o momento mais oportuno para fazê-la.

— Não sei, uns meses, um ano. Estou bem aqui.

— Está exposta, filha.

— Você também.

Ela estalou a língua:

— Já vivi minha vida.

A epidemia tinha tido o efeito de nos reconciliar. Até pouco tempo atrás, mal podíamos estar cinco minutos no mesmo espaço. Suas perguntas com dupla intenção, suas campanhas bem-intencionadas para controlar minha vida. Não se pode desejar tanto o bem de outra pessoa; é monstruoso, até agressivo. Há um ano, qualquer comentário sobre Max me faria sair daquela casa batendo portas. Como o vento que vai desenterando ossos soltos e ressecados, a epidemia nos aproximara, ainda que só acontecesse nesse terreno baldio.

E, no entanto, menti para ela. Já tinha o dinheiro para ir embora. Tinha mais do que qualquer um que vivesse naquele porto. Tinha tanto dinheiro que podia fazer sanduíche de notas, alimentar Mauro com alface de papel. Mas eu, assim como os pescadores, não era capaz de me imaginar em outro lugar.

— Não vim aqui para falar disso — eu disse. — Conte alguma coisa sua. Como vai a vida neste poço?

Ela começou a contar as pequenas fofocas dos vizinhos. A professora estava de casinho com um agrônomo. Depois que o vento vermelho começou a fazer seus estragos com os animais, o homem passou de vagabundo a novo rico de primeira categoria, e se autodenominou especialista em legumes. Era, além disso, um dos investidores da nova processadora e de outros projetos imobiliários no interior. Se viajava à cidade, era só para recrutar mais uma horda de desesperados no porto e em outros bairros, mão de obra barata que ia ao interior em caminhões.

— Mas ela está boba por ele — disse minha mãe, e fez um gesto de desdém. Sentia-se imune a esse tipo de paixões. — Não gosto desse homem, tem a pele escorregadia, úmida.

Quando ria, o rosto de minha mãe se enchia de rugas de modo atroz, um olho se fechava mais do que o outro e a pele sobressalente das bochechas se enrolava, revelando algumas peças metálicas entre os dentes. Isso é o que o tempo fazia com as faces, e, ainda assim, era uma marca superficial, apenas o lembrete do que ocorria na parte invisível de nós. Agora aparentava estar tranquila, esquecida de tudo. Tinha os dedos rígidos pelo reumatismo, as mãos com veias azuis protuberantes. Nós duas tomávamos pílulas de cálcio e de vitamina D, como recomendava o Ministério da Saúde, mas ninguém sabia quanto tempo demoraríamos para nos quebrar como galhos secos. Com a ponta dos dedos, minha mãe recolheu as migalhas das carolinas e voltou a derrubá-las no centro do prato. Para mim, fazia bem sair por um tempo de meus pensamentos circulares, daquilo que alguma vez cheguei a chamar *meu monotema*. Minha mãe pensava em Max como um pusilânime, alguém que saiu da vida por sua incapacidade de seguir em frente. Segundo ela, eu deveria virar a página, relegá-lo a esse espaço indelével e digno de esquecimento que era o passado. E ele? O que pensava dela? Talvez ele a visse como um mal necessário, uma oportunidade para praticar a compaixão. Que esse gesto estivesse cheio de soberba, era certo. No fundo, Max e minha mãe eram dois inimigos que disputavam um terreno minúsculo.

— E Valdivia está com tosse. Foi levado para as Clínicas e ficou o dia todo lá, mas, no final, o mandaram de volta para casa.

Ramón Valdivia era o dono do único armazém de Los Pozos, nosso vínculo com os povoados robustos e fluorescentes do interior, algo assim como o elo entre a vida e nós.

— Deve ser gripe — disse. — Esse homem nem dorme.

— E tem dois netinhos novos lá. Da filha caçula. Ele sustenta todo mundo.

— Esse povo do interior não para de se reproduzir.

O negócio para Valdivia estava cada vez mais difícil. Não só pela concorrência ilegal, vendedores ambulantes que armavam sua lojinha em qualquer janela, mas porque cada vez mais gente emigrava para as cidades do interior. Algo os assustava de repente: um parente que aterrissava na sala de quarentena das Clínicas, o alarme que os surpreendia na rua e os obrigava a correr; isto é, de repente, adquiriam uma consciência real do vento vermelho e não só a ideia, a iminência do vento. Porque enquanto não se passava por ele, ninguém podia imaginar o odor nauseabundo, o calor repentino, a água do rio que inchava como um polvo e a espuma ocre, tingida pelas algas. Em um único instante, a paisagem se transformava: o alarme rugia ensurdecedor, e se enxergavam mãos que emergiam dos edifícios para fechar rápido as janelas, os pescadores levantando acampamento. Os do interior olhavam o fenômeno pela televisão e viam subir as cifras de doentes e temiam que toda essa gente se mudasse algum dia para as suas cidades limpas e seguras.

— E quando volta o menino?

— Amanhã, vão trazê-lo ao meio-dia.

— Que criatura... as crianças precisam da mãe.

— Ele está bem comigo.

— Não é igual.

— Às vezes pode ser melhor.

— Nunca é igual. — Fazia anos que ela tinha adotado o discurso de santidade da mãe, totalmente oposto ao discurso que sustentou a vida toda, quando deixou claro que eu estava me aproximando dos quarenta e que meu casamento chegava

ao fim. — Bom — disse ela —, é melhor você ir. A qualquer momento pode soar o alarme.

— Faz dias que estamos com a névoa.

— Não brinque com a sorte.

Tirei os livros da mochila e armei uma torre alta e decrépita sobre a mesa do jardim.

— Que conste que voltaram todos — disse eu.

Ela leu os títulos, alguns partidos e ilegíveis; parecia que seu dedo era uma dessas varas que se usavam para buscar água subterrânea.

— Deixei ali para você uma pilha preparada — disse ela.

Depois, entrará para chamar um táxi e voltará com as últimas carolinas embrulhadas em um papel toalha, além de uma pilha com quatro ou cinco livros.

— Seu táxi está chegando.

Eu colocarei todos os livros na mochila e as carolinas no bolso do casaco, onde encontrarei migalhas soltas de visitas passadas. Minha mãe me acompanhará até o portão e nos despediremos com um abraço breve.

— Me prometa que vai se cuidar.

— Você também. As carolinas estavam deliciosas.

O novo taxista era do tipo religioso, com imagens da santinha penduradas por todos os lados e a rádio ligada em um canal cristão. Ainda assim, cuidava para fechar bem as janelas; sua fé não chegava a tanto.

— Você já viu alguma vez como ficam os contaminados?

— O senhor já?

— Despelado. Outro dia tive que levar um. Me deixou o assento cheio de pele, como se fosse caspa, imagina?, toda assim, seca, branca, um pouco transparente. Perdem a pele, vão ficando em carne viva.

Avançamos as quadras seguintes em silêncio. Eu me concentrei em me afastar dessas imagens. Minha superstição me dizia que, enquanto eu negasse qualquer imagem de Max tomado pela doença, nada poderia acontecer com ele. Para me distrair, pensei em Mauro e nas coisas que faltavam organizar antes de sua chegada. Nesse momento, ele devia estar na fazenda, comendo grama e flores, com marcas vermelhas nas bochechas brancas, desacostumadas à luz. À tarde, algum peão o levaria para andar a cavalo pelo monte, iam alimentá-lo sem restrições todo o fim de semana, e depois eu teria de lidar com sua fome e seu berreiro. Em menos de vinte e quatro horas, o pai ou a mãe (nunca os dois juntos) ia deixá-lo em minha porta, com vários quilos a mais e a culpa bem ordenada até o mês seguinte. Iriam me devolver o menino como quem devolve um produto que não convenceu os compradores.

Deixei que Mauro ganhasse terreno, que se inflasse como um balão aerostático em minha mente para não ver Max sem pele, a pele desgarrada, rachando, abrindo-se para expor a carne. Tinha a mochila sobre a saia. Nunca disse à minha mãe, e já não lhe poderei dizer, que não ia ler seus livros, que no máximo os folhearia para balbuciar algo mais ou menos coerente quando ela me perguntasse.

— Imagine morrer assim — disse o taxista —, sentindo tudo... como dizer?

— À flor da pele?

— Até tiveram que desinfetar o táxi. Que o Senhor o tenha em Sua Glória.

Disse a última frase em um suspiro, talvez com vergonha. Demorou tempo demais para pensar em seu deus.